



ESCOLA PARA SURDOS – QUE INCLUSÃO É ESSA?

André William Alves de Assis¹

RESUMO: Vivemos em um momento sócio-histórico em que a educação dos surdos ainda é alvo de diversas discussões, o que se repetiu durante toda a história desse povo. Felizmente a história evolui e hoje a discussão vai além de se questionar se o surdo pode ou não aprender, uma vez que diversos estudos que consideram o aprendizado, a cognição e a Língua de Sinais mostram que sim; a discussão está em definir “Onde” esses sujeitos devem aprender e, com o advento da inclusão, diversas são as propostas para que os surdos tenham seu espaço dentro da comunidade escolar. Neste trabalho, faremos um percurso histórico da história dos surdos desde a antiguidade até nossa atualidade, no Brasil e no mundo, o que nos permite observar qual o real e atual papel da escola que se diz inclusiva. A análise de uma reportagem sobre inclusão nos possibilitou observar como o surdo, sujeito de sua história, é subjetivado nos diversos discursos que se contrastam entre antiguidade e modernidade, exclusividade e inclusão. A concepção clínico-patológica da surdez se sobressai nos diversos discursos da reportagem, o que nos permitiu observar como os diversos enunciados destacados na reportagem fazem um percurso pela história, subjetivando os sujeitos surdos na busca pela construção de uma imagem positiva do colégio. A proposta da entrevista era mostrar uma escola inclusiva, o que de fato nos chamou atenção; porém, no decorrer do vídeo, o que vemos é uma escola que oferece a possibilidade de socialização entre os surdos, o ensino da Libras como língua materna e o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua, o que para nós, de fato, não a classifica como inclusiva. Quem fala sobre os alunos são seus pais, são seus professores, diretores e não os próprios alunos; os poucos que a reportagem permitiu ter voz simplesmente reproduzem o discurso de seus professores. Para nós, não há como falar em inclusão em uma escola que não é inclusiva.

Palavras-Chave: Surdos; Inclusão; Escola; Reportagem.

1 INTRODUÇÃO

Durante toda a história da humanidade nos deparamos com diversos discursos sobre a educação dos surdos. Na atualidade, também são muitas as discussões em torno desse sujeito, o que justifica nosso trabalho. Faremos neste artigo um percurso pela história da educação dos Surdos, uma retrospectiva necessária que nos permite observar os avanços os retrocessos na educação que se propõe hoje ser inclusiva. No primeiro capítulo, colocaremos em tela os momentos históricos, não estanques, que julgamos mais importantes. Nossa concepção de história é a de uma ciência que estuda o homem enquanto sujeito da sua história; não uma história atrelada apenas aos fatos, às datas, aos relatos, mas sim uma história que consiga compreender as relações que se deram por meio desses fatos, suas problematizações e seus contextos históricos.

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – Paraná. Discente em Libras pela Faculdade Eficaz, Maringá – Paraná. assis.awa@gmail.com

No segundo capítulo, discutiremos como se propõe a educação inclusiva no Brasil, sabemos das diversas dificuldades enfrentadas por professores em salas de aulas não equipadas/adaptadas, falta de conhecimento da Língua de Sinais Brasileira, salas de aula lotadas de alunos e outros tantos percalços que dificultam o trabalho do professor e a aprendizagem do surdo. No terceiro capítulo, discutiremos a realidade atual das escolas e como acreditamos que deveria ser uma escola que se propõe inclusiva.

No quarto capítulo, com a finalidade de observar os discursos sobre a inclusão dos alunos surdos, e também como a história produz subjetividades a cerca desse sujeito, elegemos como *corpus* uma reportagem veiculada no site da Paraná Educativa no ano de 2010. O último capítulo contempla nossas considerações finais sobre o trabalho.

2 METODOLOGIA

Com a finalidade de observar os discursos sobre a inclusão dos alunos surdos, e também como a história produz subjetividades a cerca desse sujeito, elegemos como *corpus* uma reportagem veiculada no site da Paraná Educativa no ano de 2010. A reportagem em vídeo apresenta o Colégio Estadual para Surdos Alcindo Fanaya Junior, da cidade de Curitiba no Estado do Paraná.

A escola é mostrada como exemplo de inclusão pela reportagem, o que nos chamou a atenção. Para que pudéssemos trabalhar com os sentidos produzidos pelos discursos, transcrevemos todo o vídeo, aproximadamente 7 minutos de fala. Na reportagem, além do locutor que traz informações mais generalizadas, diversas pessoas falam, relatam suas experiências como funcionários da escola, pais e alunos. Pela extensão, os enunciados foram numerados cronologicamente para que pudéssemos analisar os discursos que circulam nessa esfera escolar, observando como os sujeitos surdos são subjetivados pelas falas de diretores, professores e pais de alunos, além de observar os diversos discursos sobre a inclusão, proposta da reportagem.

Estar entre os surdos e em um ambiente bilíngue certamente é uma situação que auxilia a criança surda no seu desenvolvimento linguístico e social, não negamos a característica transformadora na vida desses sujeitos, por isso algumas questões direcionam nossa análise: Estar inserido no ambiente escolar é suficiente? O papel da escola é só este, o de socializar esses sujeitos? O que os pais, professores e diretores esperam da escola? E qual é o lugar certo para que esses alunos possam aprender?

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na atualidade, depois de grandes retrocessos e avanços, a educação dos alunos surdos encontra-se em um momento em que não se discute mais se eles podem aprender ou não, é sabido e comum que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) possibilita a comunicação e o aprendizado, que a cognição desses sujeitos não sofre qualquer alteração por causa da surdez. A questão hoje está em discutir “Onde” esse aluno deve aprender. Na escola apresentada pela reportagem, exclusiva para surdos, seria possível falar em Inclusão?

A realidade da escola está bem distante da maioria das outras escolas espalhadas pelo Paraná e pelo Brasil, embora os números apresentados não estejam de acordo com as imagens mostradas no vídeo, se refletissem a realidade cada um dos setenta professores teriam no máximo quatro alunos cada um em sala de aula, o que não é a realidade apresentada pelas imagens. Os setenta professores para duzentos e cinquenta alunos talvez fossem o necessário para que uma sala de aula exaurisse todos os conteúdos propostos e ensinados naquele espaço. A escola é bilíngue e tem como proposta o ensino da Libras como língua materna e o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua (escrita e Oral).

Estar entre os surdos certamente é uma situação que auxilia a criança surda no seu desenvolvimento linguístico e social no grupo, não negamos a característica transformadora na vida desses sujeitos.

Os diversos discursos, mesmo inconscientemente, subjetivam o sujeito surdo, marcadamente pela história, como não capazes de aprender. Sabemos que antiguidade essa era a ideia comum e sabemos que até hoje este é um (pre)conceito que faz parte de nossa sociedade. Uma das mães entrevistadas acredita que o filho aprende porque está numa escola de surdos, aprendendo Libras e Português, que com essa aprendizagem ele terá a possibilidade de se integrar na sociedade ouvintista, o que nos leva a questionar se o ensino da língua portuguesa de forma abstrata, uma vez que esses alunos não estão em salas de aula realmente inclusivas, realmente aproximará esse aluno surdo à sociedade ouvintista, de que forma?

O discurso de educação transformadora prevalece na fala de todos os pais. A escola é subjetivada como lugar de interação e a história, marcada pela subjetividade produzida pelos enunciados, postula melhoras somente depois do acesso desses surdos à escola.

Diversas imagens de salas de aula são mostradas na reportagem, evidenciam que a proficiência dos professores não é suficiente para que uma boa interação/comunicação aconteça em sala de aula. Não negamos que a aproximação entre os surdos seja uma situação que auxilia a criança no seu desenvolvimento linguístico e social no grupo, não negamos a característica transformadora na vida desses sujeitos, mas estar inserido no ambiente escolar não se mostra suficiente.

Chamar os surdos de deficientes auditivos é outra marca histórica presente no discurso de alguns entrevistados, a concepção clínico-patológica da surdez se sobressai nesses discursos, o que nos permite concluir que os diversos discursos destacados na reportagem fazem um percurso pela história, subjetivando os sujeitos surdos na busca pela construção de uma imagem positiva do colégio. A proposta da entrevista era mostrar uma escola inclusiva, o que de fato nos chamou atenção; porém, no decorrer da entrevista, o que vemos é uma escola que oferece a possibilidade de socialização dos surdos, o ensino da Libras como língua materna e o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua. Quem fala sobre os alunos são seus pais, são seus professores, diretores. Os poucos alunos que permitem ter voz simplesmente reproduzem o discurso de seus professores.

4 CONCLUSÃO

A inclusão dos surdos no contexto escolar trouxe diversas discussões à sociedade, entre elas dúvidas sobre onde e como esses alunos devem aprender. Em muitos casos, por causa de dificuldades estruturais ou mesmo por falta de professores e funcionários capacitados, os alunos surdos acabam sendo esquecidos na rotina da escola, se pais e alunos não reclamam a inclusão fica maquiada e, nos números, acontece. Em nosso *corpus* que compreende uma reportagem veiculada na TV Paraná Educativa, observamos como é representada a inclusão e evidenciamos como os sujeitos surdos são subjetivados pela história. Concluímos que não há como falar de inclusão em uma escola exclusiva para surdos, mesmo que se projete a saída deles desse contexto escolar no futuro, a escola exclusiva não reflete uma prática inclusiva. Repensar essa inclusão é uma necessidade imediata, uma vez que incluir não significa apenas inserir o aluno em uma escola ou outra, mas dar possibilidades de crescimento, desenvolvimento pessoal e intelectual, respeitando suas diferenças, possibilitando que sua cultura própria seja preservada e respeitada além de ter a possibilidade de transitar também na sociedade ouvintista com dignidade e respeito que todo ser humano merece, seja ele surdo ou não.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BOTELHO, P. **Segredos e silêncios na interpretação dos surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

BRASIL. **Decreto Lei n. 339**, de 22 de dezembro de 2005. Brasília, DF, 2005.

GOES, M.C.R. **Linguagem, Surdez e Educação. Campinas, SP**: Autores Associados, 1996.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

LACERDA, Cristina B. F. **A Inclusão escolar de Alunos Surdos**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006 167. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

MAIA, Valdeci & VELOSO, Eden. **Aprenda Libras com Eficiência e Rapidez**. Curitiba: Mãos Sinais, 2009.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.